



Título: A LITERATURA FANTÁSTICA COMO POSSIBILIDADE DE LEITURA-FRUIÇÃO E LEITURA-ESTUDO

Autoras: Camila Gesser e Juliana Ferreira

Orientadora: Maria Izabel de Bortoli Hentz

Escola: Instituto Estadual de Educação

Professor da turma: Juliana Impaléa

Ano: 8º (2019)

Contextualização do projeto: Os contos fantásticos foram escolhidos pelas estagiárias pela familiaridade que os alunos já apresentavam com a literatura fantástica de modo que facilitaria o objetivo de aproximá-los de textos literários e pelo gênero possibilitar o tensionamento entre a literatura canônica e a literatura contemporânea. O projeto visou proporcionar aos alunos o desenvolvimento das habilidades de leitura-fruição e de leitura-busca-de-informações. Para tanto, contou com a leitura de contos fantásticos, curta-metragens, um encontro com uma autora convidada e a produção de um conto fantástico autoral. Como fechamento do processo de ensino e aprendizagem, as estagiárias organizaram um evento de *Halloween*, aproveitando a proximidade com a data, para que os alunos pudessem socializar as suas produções textuais de forma especial, ao final do evento, houve uma votação em que os autores dos contos mais votados pela turma foram premiados com livros.

Cronograma: Para se ter uma ideia do conjunto das ações desenvolvidas ao longo do projeto de docência, apresenta-se, na sequência, o cronograma de atividades.

Aulas	H/A	Conteúdo
1	1	<ul style="list-style-type: none"> • Confecção do crachá de identificação. • Apresentação do projeto de docência. • Introdução à Literatura Fantástica.
2	2	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura dos contos <i>A pequena vendedora de fósforos</i>, de Hans Christian Andersen; <i>A chapeuzinho vermelho</i>, de Jacob Grimm e Wilhelm Grimm; <i>O guerreiro Juliano</i>, de Cesorius von Heisterbach; <i>O Coração Peludo do Mago</i>, de J. K. Rowling. • Interpretação dos contos com base em roteiro de estudo. • Elaboração do mapa mental sobre elementos da literatura fantástica.
3	1	<ul style="list-style-type: none"> • Retomada e finalização do mapa mental. • Atividade com perguntas sobre a estrutura do conto. • Compartilhamento das respostas da atividade. • Explicação da estrutura do gênero conto.
4	1	<ul style="list-style-type: none"> • Correção da atividade sobre a estrutura do conto. • Leitura do conto <i>O conto dos três irmãos</i>, de J. K. Rowling. • Retomada da estrutura do gênero com base no conto lido. • Adaptação visual do conto.
5	1	<ul style="list-style-type: none"> • Leitura do conto <i>O Retrato Oval</i>, de Edgar Allan Poe. • Adaptação visual do conto. • Atividade de linha do tempo para observar os acontecimentos do conto.
6	2	<ul style="list-style-type: none"> • Finalização da leitura-busca-de-informações do conto <i>O Retrato Oval</i>, de Edgar Allan Poe. • Leitura silenciosa do conto <i>Belzebu: Banquete para Anatole</i>, de Raphael Montes, até o clímax. • Produção textual do final do conto lido (entrega no mesmo dia).

7	1	<ul style="list-style-type: none"> • Análise linguística dos problemas encontrados na produção textual. • Devolução dos desfechos corrigidos. • Reescrita do desfecho para o conto <i>Belzebu: Banquete para Anatole</i>, de Raphael Montes.
8	1	<ul style="list-style-type: none"> • Explicação sobre o gênero entrevista e sua função social. • Consulta no site da escritora Graci Rocha para aproximação com a autora e sua obra. • Elaboração de quatro questões para a entrevista com Graci Rocha. • Finalização dos desfechos para o conto <i>Belzebu: Banquete para Anatole</i> (entrega no mesmo dia).
9	2	<ul style="list-style-type: none"> • Devolução das perguntas digitadas para a entrevista. • Entrevista com a escritora Graci Rocha no laboratório de Língua Portuguesa.
10	1	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação oral pelos alunos dos finais produzidos. • Leitura pelas professoras-estagiárias do conto <i>Belzebu: Banquete para Anatole</i>, de Raphael Montes, completo.
11	2	<ul style="list-style-type: none"> • Revisão dos elementos da estrutura do conto. • Preparação para a produção textual de um conto de terror a partir de uma ficha com os elementos essenciais da narrativa. • Preenchimento da ficha para criação do conto de terror. • Início da produção textual do conto fantástico de terror (entrega no mesmo dia).
12	1	<ul style="list-style-type: none"> • Produção textual de um conto fantástico de terror.
13	1	<ul style="list-style-type: none"> • Análise linguística a partir dos problemas observados nos contos produzidos pelos alunos. • Identificação de problemas para aprimorar a escrita do conto.
14	2	<ul style="list-style-type: none"> • Devolução dos contos e fichas produzidos pelos alunos com as observações e indicações das professoras-estagiárias para reescrita. • Início da reescrita do conto.

15	2	<ul style="list-style-type: none"> • Evento de <i>Halloween</i> para compartilhamento dos contos. • Premiação dos três melhores contos. • Avaliação e encerramento do estágio.
----	---	---

Gênero referência: Contos fantásticos

Eixo organizador do ensino: escrita e reescrita de contos fantásticos; o trabalho com a leitura através de contos fantásticos selecionados; o exercício da oralidade a partir da leitura oral e discussões sobre os materiais lidos e da participação em uma entrevista; e o trabalho com a análise linguística a partir dos textos escritos pelos próprios estudantes.

Objetivos: Proporcionar aos alunos a aproximação com a estética da literatura fantástica por meio da leitura de fruição e da produção de um texto desse gênero.

Com relação à leitura: Desenvolver as habilidades de leitura-fruição e de leitura-busca-de-informações a fim de ampliar o repertório literário e identificar aspectos da literatura fantástica através da leitura de materiais selecionados.

No que se refere ao ensino da escrita: Aprimorar a escrita a partir da produção textual e da reescrita de um conto fantástico autoral e, dessa forma, exercitar os conhecimentos sobre esse gênero.

Quanto à análise linguística: Reconhecer que as próprias produções têm um significado e que elas se constituem em ponto de partida para buscar soluções para erros recorrentes, tendo em vista o aprimoramento das capacidades de escrita.

No que tange à oralidade: Reconhecer a sala de aula como ambiente favorável à comunicação, à socialização e ao respeito nas discussões, participando ativamente das atividades que envolvem o uso oral da língua e ser capaz de atribuir sentidos à fala do outro pela escuta atenta e ativa das apresentações e da fala do entrevistado.

Metodologia: Na sequência, apresenta-se aula a aula como pode ser desenvolvido este projeto. Nas notas, destaca-se o que foi específico da experiência vivenciada.

Aula 1 (1h/a)

Iniciar essa primeira aula com a entrega das folhas brancas do tipo A4 aos alunos, já no formato do crachá de identificação¹ que eles deverão colocar os nomes e decorar. Colocar dentro de um caldeirão de plástico em formato de abóbora diferentes figuras (anexo 1) que têm a ver com a temática da literatura fantástica para que os alunos peguem de forma aleatória. A ideia é que a turma tenha contato com o fantástico desde a primeira aula através da identificação das figuras apresentadas.

Em seguida, através dos desenhos colados nos crachás, tratar sobre a literatura fantástica: “O que são essas figuras?”; “Elas possuem alguma relação entre si?”. Explicar que as imagens são elementos pertencentes à narrativa fantástica, tema do projeto a ser iniciado.

Apresentar à turma o projeto, explicando a temática e as atividades a serem desenvolvidas, como a entrevista, a produção textual e leitura de contos, assim como o trabalho final, que será o evento de *Halloween*.

Ao final da aula, sanar possíveis dúvidas que tenham surgido.

Aula 2 (2h/a)

Iniciar a aula retomando aquilo que foi feito na aula anterior e, em seguida, fazer a entrega aos alunos de forma aleatória dos cinco contos a serem lidos (*A Pequena Vendedora de Fósforos*², de Hans Christian Andersen; *A Chapeuzinho Vermelho*³, de Jacob Grimm e Wilhelm Grimm; *O Guerreiro Juliano*⁴, de Cesorius von Heisterbach; *O Coração Peludo do Mago*⁵ e *O Bruxo e o Caldeirão Saltitante*⁶ de J. K. Rowling). Explicar que em um primeiro momento eles devem fazer uma leitura individual e silenciosa do conto recebido seguindo o roteiro de leitura escrito no quadro. O objetivo é de que eles reflitam sobre o que seja um

¹ Como as estagiárias tiveram um período relativamente curto de contato com a turma antes da implementação do projeto de docência, o estágio de observação, elas propuseram a confecção de um crachá de identificação para ajudá-las a se referirem aos estudantes pelos seus nomes e utilizaram essa atividade como ponto de partida para trabalhar a literatura fantástica.

² Disponível em:

<https://www.editorawish.com.br/blogs/contos-de-fadas-originais-completos-e-gratuitos/a-pequena-vendedora-de-fosforos-hans-christian-andersen-1848>. Acesso em: 07 abr. 2022.

³ Disponível em:

<https://www.wattpad.com/732561951-chapeuzinho-vermelho-vers%C3%A3o-dos-irm%C3%A3os-grimm>. Acesso em: 07 abr. 2022.

⁴ Disponível em: <http://mundovelhomundonovo.blogspot.com/2017/06/o-guerreiro-juliano.html>. Acesso em: 07 abr. 2022.

⁵ O conto utilizado pelas estagiárias não se encontra disponível *online* e por essa razão foi disponibilizado no anexo 2.

⁶ O conto utilizado pelas estagiárias não se encontra disponível *online* e por essa razão foi disponibilizado no anexo 3.

conto fantástico, através das questões que direcionam o reconhecimento dos elementos fantásticos presentes na narrativa.

- 1- De que se trata o conto que você leu?
- 2- Que indícios há durante a narrativa que justifiquem o desfecho da história?
- 2- Quais os elementos fantásticos estão presentes no conto?

Em seguida, explicar que os alunos que leram o mesmo conto, terão quinze minutos para se reunir e fazer um mapa mental com os elementos fantásticos presentes no conto lido. Enquanto as atividades são desenvolvidas circular pela sala para solucionar possíveis dúvidas.

Depois que os alunos sintetizarem as características fantásticas em seu mapa mental, solicitar que cada grupo fale dos elementos encontrados, a fim de elaborar um grande mapa mental no quadro a partir das sugestões dadas pela turma. O objetivo desta dinâmica é tornar evidente para os alunos que a literatura fantástica abrange diferentes temáticas, como as representadas nos contos lidos. Quando o mapa mental estiver completo no quadro, explicar aos alunos que devem copiá-lo no caderno para que possam consultá-lo sempre que preciso, de modo que esse esquema auxiliará na produção textual que se dará em algumas aulas à frente.

Logo após copiar o conteúdo, pedir que os alunos retornem para os seus lugares e discutir mais algumas questões, mas agora com o enfoque nas características que constituem um conto, não necessariamente fantástico.

- 1 - O narrador do conto aparece de que forma na história?
- 2 - Quais são os personagens do conto? Que características eles têm?
- 3 - Em que período do tempo se passa a história?
- 4 - Qual é o tema do conto e de que forma ele é desenvolvido durante a história?
- 5 - Qual o acontecimento principal do conto?

Reservar os minutos finais de aula para a discussão sobre as respostas da atividade no quadro a partir da contribuição dos alunos.

Aula 3 (1h/a)

Começar a aula com a retomada da discussão sobre elementos da literatura fantástica, por isso refazer o mapa mental feito no quadro na última aula para que todos possam copiar no caderno a fim de sistematizar o conteúdo e auxiliar na futura produção textual do conto.

Entregar uma folha com cinco perguntas sobre a estrutura do conto e explicar aos alunos que eles ficarão com as perguntas em mãos, que primeiro servirão de roteiro para a explicação dos elementos estruturais do conto, já que cada questão aborda uma característica

específica do gênero, e que só depois da abordagem do conteúdo é que os alunos responderão as perguntas. A explicação partirá de uma apresentação de *slide* com os conceitos e exemplos dos elementos, estes retirados dos contos lidos na aula anterior.

- 1 - O narrador do conto aparece de que forma na história?
- 2 - Quais são os personagens do conto? Que características eles têm?
- 3 - Em que período do tempo se passa a história?
- 4 - Qual é o tema do conto e de que forma ele é desenvolvido durante a história?
- 5 - Qual o acontecimento principal do conto?

Entregar aos alunos uma síntese do conteúdo para colar no caderno (anexo 4), a fim de facilitar a compreensão. Os exemplos da síntese foram retirados dos contos lidos na aula anterior, exceto o conto *Um Caso Estranho*⁷, de Paulo Corrêa Lopes, já que os contos anteriormente lidos não possuem narrador personagem. Fazer a leitura da síntese e responder as perguntas que surgirem. Após a explicação, disponibilizar tempo para que eles, a partir da leitura-estudo dos contos da aula anterior, respondam às questões propostas. Enquanto a atividade é realizada, circular entre os alunos para ajudar na compreensão da tarefa. Encerrar com a correção e esclarecimento de possíveis dúvidas.

Aula 4 (1h/a)

Dar início à aula com a apresentação do conto *O conto dos três irmãos*⁸, de J. K. Rowling, registrando na lousa o símbolo das Relíquias da Morte. Perguntar se alguém conhece o símbolo ou sabe de onde ele surgiu. Conduzir a conversa para que a turma consiga chegar à série de livros e filmes *Harry Potter*. Se possível, durante a conversa, mostrar objetos relativos a essa obra que possam instigar a participação dos alunos.

Após a conversa, entregar aos alunos o conto. Ler o conto em voz alta e pedir que a turma acompanhe, em seguida fazer algumas perguntas sobre o conto com o objetivo de confirmar a compreensão do texto lido: “Qual é o enredo do conto? Quais são os personagens? O que mais lhe chamou a atenção? Qual ensinamento o conto lhe proporcionou?”.

Dando sequência ao tema da aula, exibir um trecho do filme *Harry Potter e as relíquias da morte - Parte I*. Depois de assistir à adaptação, disponibilizar os minutos finais para que os alunos reflitam e discutam sobre os recursos utilizados pelo cinema para

⁷ Disponível em:

<https://nuhtaradahab.wordpress.com/2009/06/14/paulo-correa-lobes-contos-um-caso-estranho-historia-de-uma-traca/>. Acesso em: 07 abr. 2022.

⁸ O conto utilizado pelas estagiárias não se encontra disponível *online* e por essa razão foi disponibilizado no anexo 5.

contemplar a história original. Fazer uma síntese escrita no quadro, para que os alunos copiem no caderno, a partir das contribuições dos alunos através das duas percepções: sobre o conto e sobre a adaptação.

Aula 5 (1h/a)

Iniciar a aula com uma apresentação sobre o escritor Edgar Allan Poe através de *slides* (anexo 6). Depois, entregar aos alunos cópias impressas do conto *O Retrato Oval*⁹ do mesmo autor e fazer a leitura em voz alta enquanto a turma acompanha. Como a escrita do conto é um tanto complexa, poderá ser feita uma segunda leitura com algumas pausas para explicações. No final, questionar se todos entenderam o conto, dependendo da resposta, fazer uma retomada dos pontos principais. Em seguida, apresentar um vídeo com sua adaptação para que eles visualizem a história de outra perspectiva¹⁰.

Para reforçar a compreensão, retomar com os alunos o conceito de enredo, sendo este uma sequência de acontecimentos que apresentam, desenvolvem e fecham o conflito principal. Explicar que eles vão realizar uma atividade em que deverão organizar os acontecimentos do conto em uma linha do tempo. Esta atividade (anexo 7) tem como objetivo a compreensão da construção de um conto a partir da composição de eventos.

Aula 6 (2h/a)

Começar essa aula com a continuação da leitura-estudo do conto *O Retrato Oval*. Fazer, no quadro, uma linha do tempo e preenchê-la conforme as contribuições da turma. Ao final da atividade, questionar aos alunos se resta alguma dúvida sobre o elemento enredo. De acordo com as respostas, esclarecer as dúvidas.

Após isso, realizar uma leitura dramatizada e, para tanto, selecionar alguns alunos para se responsabilizarem pelas falas do narrador e dos personagens presentes no conto *Belzebu: um banquete para Anatole*¹¹, de Raphael Montes, sendo este interrompido no clímax. Questionar se todos os alunos compreenderam o conto, caso a resposta seja negativa, fazer uma nova leitura chamando a atenção para alguns pontos fundamentais para o entendimento da narrativa.

Depois desse momento, solicitar que os alunos se reúnam em duplas para compor, um desfecho para o conto lido. Para auxiliar na elaboração desse fragmento final do conto,

⁹ Disponível em: <https://www.contosdeterror.site/2018/07/o-retrato-oval-conto-classico-de-terror.html>. Acesso em 08 abr. 2022.

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HPePCOc3oP0>. Acesso em: 08 abr. 2022.

¹¹ Disponível em: <https://docplayer.com.br/7805551-Banquete-para-anatole.html>. Acesso em 08 abr. 2022.

circular pela sala orientando os alunos a perceberem indícios na narrativa que justifiquem suas produções. Após a conclusão da produção, pedir que os alunos compartilhem aquilo que fizeram com a turma e que expliquem como surgiu a ideia para tal desfecho.

Ao final, realizar a leitura do conto completo para que eles comparem com as suas produções textuais, guiar a discussão para que os alunos reflitam em aspectos presentes na narrativa que justifiquem o desfecho. Esta atividade tem o intuito de mostrar como várias possibilidades podem surgir de uma mesma narrativa.

Aula 7 (1h/a)

Iniciar a aula com uma conversa com os alunos, a fim de questioná-los sobre o seu processo de escrita e as dificuldades encontradas. Em seguida, explicar a metodologia de avaliação e a oportunidade de reescrita. Depois, partir para a apresentação de *slide* (anexo 8) com indicações para a reescrita. Através dos principais problemas identificados nos textos produzidos pelos alunos, destacar e explicar o conteúdo no quadro, dando oportunidade para que os alunos tirem suas dúvidas. O objetivo é que os alunos observem as indicações e compreendam a importância da reescrita como recurso para aprimorar sua escrita.

Após esse primeiro momento, fazer a devolução das produções do final do conto *Belzebu: Banquete para Anatole*, de Raphael Montes, com considerações, assim como uma folha com pauta para a reescrita. Dar tempo para o processo de reescrita e explicar que as duas versões das produções textuais deverão ser entregues até o fim da aula. Durante a reescrita, ficar circulando pela sala com o intuito de auxiliar os alunos em suas possíveis dúvidas.

Aula 8 (1h/a)

Iniciar a aula com questionamentos sobre o processo de escrita realizado pelos estudantes, com isso instigar a turma para a entrevista da escritora Graci Rocha¹² que será realizada na próxima aula. Mostrar o *site*¹³ da escritora para que os alunos tenham algumas informações prévias de sua entrevistada. Fazer a leitura de uma parte do site que trata sobre a autora, esse trecho é composto por um breve relato feito por Graci Rocha sobre como

¹² Na implementação original do projeto foi possível fazer esse momento de entrevista com uma escritora convidada. A autora Graci Rocha estudou com as estagiárias no curso de Letras Português da UFSC e, por ser alguém conhecida, acessível e que tinha possibilidade de ir até a escola, foi viável estabelecer esse encontro com os estudantes. Momentos como esse são sempre significativos aos alunos e também é uma forma de valorizar pessoas da comunidade ou conhecidas de alguém da escola que se dediquem à escrita e, assim, colaborar na aprendizagem dos alunos.

¹³ Disponível em: <https://gracirocha.com/>. Acesso em: 08 abr. 2022.

começou a escrever literatura. Após a leitura fazer algumas reflexões, destacando temas possíveis para questionamentos à escritora.

No segundo momento da aula, solicitar aos alunos que eles se juntem em duplas para elaboração de perguntas à escritora. Explicar que cada dupla deverá fazer perguntas, tratar a necessidade de perguntas bem elaboradas que abordem informações relevantes às aulas. Enquanto acontecem as produções, ajudar as duplas com a elaboração das perguntas.

Aula 9 (2h/a)

Iniciar a aula com algumas orientações sobre a postura adequada durante a entrevista com a escritora convidada. É fundamental que os alunos entendam a necessidade de ouvir em silêncio a fala do outro, assim como expor as ideias com clareza, para que todos compreendam. Sugerir que os alunos façam anotações durante a entrevista para a memorização de informações importantes.

Organizar o local do encontro com as cadeiras em círculo, com intuito de que todos possam se ver durante a entrevista. Entregar a cada aluno pelo menos uma pergunta daquelas produzidas pela turma na aula anterior, para que todos possam fazer um questionamento à autora.

Aula 10 (1h/a)

Iniciar a aula com questionamentos sobre a entrevista da última aula, como: “Gostaram da experiência de entrevistar alguém? O que acharam da Graci Rocha? As perguntas ajudaram a pensar sobre o próprio processo de escrita? Alguém a encontrou em suas redes sociais ou no site?”. Após o breve debate com a turma, devolver os desfechos do conto *Belzebu: banquete para Anatole* e pedir que os alunos se organizem em um círculo e solicitar que eles socializem as suas produções. Em seguida, fazer uma conversa sobre os pontos presentes no conto que os levaram ao desfecho que produziram. Por fim, fazer a leitura completa do conto.

Caso sobre tempo de aula, passar um curta animado intitulado *Vincent*¹⁴, de Tim Burton, para contribuir com o repertório de textos fantásticos de terror. Iniciar uma discussão sobre elementos de terror do curta e apresentar as referências que nele aparecem, com o objetivo de que os alunos busquem inspiração em outras obras para a produção de seus

¹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5s85a-fAwaj>. Acesso em: 08 abr. 2022.

contos. O intuito é que eles ampliem a criticidade em relação ao curta após a discussão, para que ele seja assistido mais uma vez no final da aula.

Aula 11 (2h/a)

Iniciar a aula com a finalização do conto *Belzebu: banquete para Anatole*, na qual serão realizados alguns questionamentos aos alunos para confirmar a sua compreensão. Depois disso, apresentar uma ficha literária (anexo 9) organizada com base no conto, com o intuito de estabelecer a relação entre o texto lido e as informações da ficha. Durante a explicação da ficha, retomar os elementos estruturais do conto.

Depois, entregar cópias impressas de uma segunda ficha literária (anexo 10), composta por uma tabela com elementos estruturais do gênero conto para serem preenchidos. Orientar os alunos para usarem de toda a criatividade e originalidade para completarem suas fichas com elementos que favoreçam a escrita de um conto de terror. Com essa atividade, pretende-se que os alunos reflitam sobre o processo de escrita e organizem suas ideias para a produção textual futura.

A segunda parte da aula é destinada para que os alunos produzam um conto fantástico de terror. Assim, entregar uma folha de almaço a cada aluno para a elaboração do conto e explicar a proposta de produção. Durante esse tempo, circular pela sala a fim de solucionar possíveis dúvidas dos alunos. Explicar que o conto fantástico de terror deverá ser entregue junto com a ficha no fim dessa aula.

Aula 12 (1h/a)

Em princípio, lembrar os alunos da organização dos elementos estruturais feita por eles na aula anterior através da ficha literária, que deverá auxiliá-los para a produção do conto. Comentar, ainda, que esses contos serão compartilhados oralmente no evento de *Halloween* realizado na última aula do projeto¹⁵, por isso a dedicação deles com a produção do conto nesta aula é fundamental.

Em seguida, entregar as folhas de almaço para a produção textual e devolver as fichas para os alunos com alguns apontamentos, o objetivo é que eles consigam observar as inadequações e possam adequá-las na produção do conto. Solicitar que eles utilizem as anotações do caderno somadas aos esquemas elaborados no decorrer de todas as aulas para a

¹⁵ Como a implementação original desse projeto ocorreu no segundo semestre do ano e o fechamento do projeto se deu próximo à data do *Halloween*, as estagiárias decidiram fazer um evento temático para promover a socialização dos contos fantásticos e o encerramento do projeto de docência.

escrita. Durante o processo, ficar circulando pela sala para auxiliar com as dúvidas que surgirem. Explicar que no fim da aula todos deverão entregar os contos.

Aula 13 (1h/a)

Iniciar a aula com o questionamento sobre o nível de dificuldade dos alunos quanto ao processo de escrita do conto. Informar sobre o andamento da aula, que terá como foco os principais problemas apresentados na primeira versão do conto.

Através de *slides* (anexo 11), conduzir a aula com a explicação de elementos do gênero conto que os alunos mostraram dificuldades, enfatizando a produção específica do conto de terror. Como a reescrita do conto acontecerá na aula seguinte, essa aula será o momento para que os alunos tirem suas dúvidas.

Ao final, para instigá-los a pensar elementos de terror, apresentar novamente, se já tiver sido apresentado na aula 10, ou apresentar e discutir pela primeira vez o curta-metragem *Vincent*, de Tim Burton. O curta trabalha com diferentes elementos de terror, como o ambiente escuro, a melancolia, a solidão, entre outros. Além disso, o curta-metragem faz referência a um autor já estudado em aulas anteriores, Edgar Allan Poe.

Aula 14 (2h/a)

Em princípio, abordar a importância dessa aula, que será o último momento para a produção da versão final do conto. Passar as informações sobre a próxima e última aula do projeto, que será o evento de *Halloween*, o qual tem como objetivo o compartilhamento de forma oral dos contos. Para o compartilhamento, os contos devem estar prontos e revisados pelos alunos, por isso a dedicação deles com a produção final do conto nesta aula é fundamental.

Entregar a primeira versão do conto corrigida e uma folha de almaço para que eles realizem a reescrita. Solicitar que eles utilizem as anotações do caderno somadas aos esquemas elaborados no decorrer de todas as aulas para a escrita. Durante o processo, ficar circulando pela sala para auxiliar com as dúvidas que surgirem e explicar que no fim da aula, todos deverão entregar a versão final dos contos para o compartilhamento na próxima aula.

Aula 15 (2h/a)

Se possível, decorar previamente a sala com o tema do evento e organizar as cadeiras em um semicírculo com o objetivo de que todos possam se ver durante a leitura dos contos, deixar o ambiente escuro e disponibilizar uma lanterna para que os alunos usem durante a

leitura. O intuito é criar uma ambientação de suspense que envolva os alunos para se atentarem à leitura das produções textuais dos colegas. Colocar os títulos de todos os contos no quadro para facilitar a votação no fim da aula.

Fazer a recepção dos alunos com uma breve explicação sobre o planejamento da aula, neste momento informar sobre a premiação que acontecerá no fim da aula dos melhores contos eleitos pela própria turma. A votação deve acontecer através de uma ficha com os títulos de todos os contos. Essa ficha será um recurso para que os alunos façam anotações sobre os contos e para auxiliar na votação.

Entregar a segunda versão dos contos corrigidas e a ficha com o nome de todos os contos para a votação. Pontuar a necessidade de uma leitura alta e clara, para que todos entendam. Após esse primeiro momento de aula, começar o compartilhamento oral do conto conforme os alunos forem se candidatando para apresentarem suas produções. A proposta é que todos os contos sejam lidos.

Após as leituras das produções dos alunos, iniciar a votação, perguntando a cada aluno para qual conto vai o seu voto e ir registrando no quadro os votos embaixo dos títulos. O resultado da votação acontecerá com o acompanhamento da turma¹⁶.

No fim da aula¹⁷, finalizar o projeto e questionar os alunos sobre o que eles acharam de positivo nesse período, assim como o que acham que poderia ter fluído melhor durante as aulas. Abrir esse espaço para comentários e apontamentos de quem gostaria de se pronunciar.

¹⁶ As estagiárias premiaram os autores dos três contos mais votados com um livro de contos de Edgar Allan Poe.

¹⁷ Após a premiação, as estagiárias entregaram para a turma o conto fantástico que produziram sobre a sua experiência de estágio (anexo 12) e fizeram uma leitura oralizada como forma de fechar o projeto de docência e agradecer à turma pela experiência.

Anexo 2 - O coração peludo do Mago

O Coração Peludo do Mago

Era uma vez um jovem mago rico, bonito e talentoso, que observou que seus amigos agiam como tolos quando se apaixonavam, se enfeitando, andando aos saltos e corridinhas, perdendo o apetite e a dignidade. O jovem mago resolveu jamais se deixar dominar por tal fraqueza, e recorreu às artes das trevas para garantir sua imunidade.

Sem saber do seu segredo, a família do mago achava graça de vê-lo tão distante e frio.

“Tudo mudará”, vaticinavam eles, “quando uma donzela atrair seu interesse!”

O jovem mago, porém, permanecia impassível. Embora muita donzela se sentisse intrigada por seu ar altivo e recordasse às artes mais sutis para agradá-lo, nenhuma conseguia tocar seu coração. Ele se vangloriava de sua indiferença e da sagacidade que a produzira.

O frescor da juventude foi dissipando-se e os jovens de mesma idade e posição que o mago começaram a casar e ter filhos.

“O coração deles deve ser apenas uma casca”, desdenhava ele mentalmente, observando o ridículo comportamento dos jovens pais ao seu redor, “ressecada pelas exigências desses pirralhos chorões!”

E mais uma vez ele se felicitou pela sabedoria da opção que fizera no primeiro momento.

No devido tempo, os pais do mago, já idosos, faleceram. O filho não lamentou a morte deles; ao contrário, considerou-se abençoado por terem desaparecido. Agora ele reinava sozinho em seu castelo. Depois de transferir o seu maior tesouro para a masmorra mais profunda, ele se entregou a uma masmorra mais profunda, ele se entregou a uma vida desregrada e farta, na qual o seu conforto era o único objetivo dos inúmeros criados.

O mago estava convencido de que devia ser alvo da imensa inveja de todos que contemplavam sua solidão esplêndida e despreocupada. Feroz, portanto, foi sua raiva e desgosto, quando um dia ouviu dois dos lacaios discutindo a sua pessoa.

O primeiro criado manifestou pena do mago que, com tanto poder e riqueza, continuava sem alguém que o amasse.

Seu colega, entretanto, desdenhou, perguntando por que um homem com tanto ouro e dono de tão esplêndido castelo não fora capaz de atrair uma esposa.

Tal conversa desferiu um terrível golpe no orgulho do mago que os ouvia.

Ele decidiu imediatamente escolher uma esposa, e uma que fosse superior a todas as existentes. Possuiria uma beleza assombrosa e provocaria inveja e desejo em todo homem que a contemplasse; descenderia de uma linhagem mágica para que seus filhos herdassem excepcionais dons de magia; e seria dona de uma fortuna no mínimo igual à dele, para garantir sua confortável existência, apesar do acréscimo de pessoas e despesas.

Encontrar tal mulher talvez levasse cinquenta anos, mas aconteceu que, no dia seguinte à sua decisão, chegou à vizinhança, em visita a parentes, uma donzela que correspondia a todos os seus desejos.

Era uma bruxa de prodigioso talento e dona de grande riqueza. Sua beleza era tanta que mexia com o coração de todos os homens que a contemplavam, isto é, todos, exceto um. O coração do mago não sentiu absolutamente nada. Contudo, a moça era o prêmio que ele buscava, e, assim sendo, começou a cortejá-la.

Todos que notaram a mudança no comportamento do mago ficaram surpresos e disseram à donzela que ela tivera êxito, onde uma centena de outras havia fracassado.

A jovem, por sua vez, sentiu ao mesmo tempo fascínio e repulsa pelas atenções do mago. Ela pressentiu a frieza que havia sob o calor de suas lisonjas, pois jamais conhecera um homem e tão estranho e distante. Seus parentes, contudo, consideraram essa união extremamente desejável e, muito interessados em promovê-la, aceitaram o convite do mago para uma grande banquete em homenagem à donzela.

A mesa, carregada com peças de ouro e prata, continha os mais finos vinhos e as comidas suntuosas. Menestréis dedilhavam alaúdes de cordas sedosas e cantavam um amor que o senhor jamais sentira. A donzela sentou-se em um trono ao lado do mago, que lhe falava suavemente, empregando palavras de carinho que roubara dos poetas, sem a mínima idéia do seu real significado.

A donzela ouvia, intrigada, e por fim respondeu:

— Você fala bonito, mago, e eu ficaria encantada com suas atenções, se ao menos acreditasse que você tem coração!

O mago sorriu e lhe respondeu que, quanto a isso, ela não precisava temer. Pediu-lhe que o acompanhasse e, conduzindo-a para fora do salão, desceu à masmorra trancada à chave onde guardava o seu maior tesouro.

Ali, em uma caixa de cristal encantada, encontrava-se o coração pulsante do mago.

Há muito tempo desligado dos olhos, ouvidos e dedos, o coração jamais se deixara cativar pela beleza, ou por uma voz musical, ou pelo tato de uma pele sedosa. A donzela ficou aterrorizada ao vê-lo, pois o coração encolhera e se cobrira de longos pêlos negros.

— Ah, o que você fez! - lamentou ela. - Reponha o coração no lugar a que pertence, eu lhe imploro!

Ao perceber que isto era necessário para agradá-la, o mago apanhou a varinha, destrancou a caixa de cristal, abriu o próprio peito e repôs o coração peludo na cavidade vazia que outrora ocupara.

— Agora você está curado e conhecerá o verdadeiro amor! - exclamou a donzela e abraçou-o.

O toque dos macios braços alvos da donzela, o som de sua respiração no ouvido dele, o aroma dos seus cabelos dourados; tudo isto penetrou como uma lança o seu coração recém-despertado. Mas o órgão se corrompera durante o longo exílio, cego e selvagem na escuridão a que fora condenado, seus apetites tinham se tornado vorazes e perversos.

Os convidados ao banquete notaram a ausência do anfitrião e da donzela. A princípio despreocupados, começaram, porém, a se sentir ansiosos à medida que as horas passavam e, por fim, decidiram revisar o castelo.

Acabaram encontrando a masmorra, onde uma cena aterrorizante os aguardava.

A donzela jazia morta no chão, de peito aberto, e ao seu lado ajoelhava-se o mago enlouquecido, segurando em uma das mãos ensanguentadas um grande e reluzente coração, que lambia e acariciava, jurando trocá-lo pelo seu.

Na outra mão, ele empunhava a varinha, tentando induzir o coração murcho e peludo a sair do próprio peito. O coração, porém, era mais forte do que ele e se recusou a renunciar ao controle dos seus sentidos ou a retornar à urna em que estivera trancado por tanto tempo.

Diante do olhar aterrorizado dos convidados, o mago atirou para um lado a varinha e agarrou uma adaga de prata. Jurando jamais ser dominado pelo próprio coração, arrancou-o do peito.

Por um momento, o mago permaneceu de joelhos, triunfante, segurando um coração em cada mão; em seguida caiu atravessando sobre o corpo da donzela e morreu.

Anexo 3 - *O Bruxo e o Caldeirão Saltitante*

O Bruxo e o Caldeirão Saltitante

Era uma vez um velho bruxo muito bondoso que usava a magia com generosidade e sabedoria para beneficiar seus vizinhos. Em vez de revelar a verdadeira fonte do seu poder, ele fingia que suas poções, amuletos e antídotos saíam prontos de um pequeno caldeirão a que ele chamava de sua panelinha da sorte. De muitos quilômetros ao redor, as pessoas vinham lhe trazer seus problemas, e o bruxo, prazerosamente, dava uma mexida na panelinha e resolvia tudo.

Esse bruxo muito querido viveu até uma idade avançada e, ao morrer, deixou todos os seus bens reza bem diferente da do bom pai. Na sua opinião, ele muitas vezes discordava do hábito que o pai tinha de ajudar os vizinhos com sua magia.

Quando o velho morreu, o jovem encontrou escondido no fundo da velha panela um embrulhinho com o seu nome. Abriu-o na expectativa de ver ouro, mas, em lugar disso, encontrou uma pantufa grossa e macia, pequena demais para ele e sem par. Dentro dela, um pedaço de pergaminho trazia a seguinte frase: “Afetuosamente, meu filho, na esperança de que você jamais seria precise usá-la.”

O filho amaldiçoou a caduquice do pai e atirou a pantufa no caldeirão, decidindo que passaria a usá-lo como lixeira.

Naquela mesma noite, uma camponesa bateu à porta da casa.

— Minha neta apareceu com uma infestação de verrugas, meu senhor. O seu pai costumava preparar um cataplasma especial naquela velha panela...

— Fora daqui! — exclamou o filho. — Que me importam as verrugas da sua pirralha?

E bateu a porta na cara da velha.

Na mesma hora, ele ouviu clangores e rumores que vinham da cozinha. O bruxo acendeu sua varinha e abriu a porta, e ali, para seu espanto, viu que brotara um pé de latão na velha panela do pai, e o objeto pulava no meio da cozinha fazendo uma zoadá assustadora no piso de pedra. O bruxo se aproximou admirado, mas recuou ligeiro quando viu que a superfície da panela estava inteiramente coberta de verrugas.

— Objeto nojento! — exclamou ele, e, com feitiços, tentou primeiro desaparecer o caldeirão, depois limpá-lo e, por fim, expulsá-lo de casa. Nenhum dos feitiços, porém, fez efeito, e ele não pôde impedir o caldeirão de segui-lo saltitante para fora da cozinha, e depois subir com ele para o quarto, alternando batidas surdas e estridentes a cada degrau da escada de madeira

O bruxo não conseguiu dormir a noite toda por causa das batidas da velha panela verrugosa ao lado de sua cama, e, na manhã seguinte, a panela insistiu em acompanhá-lo, aos saltos, à mesa do café-da-manhã. *Plem, plem, plem* fazia o pé de latão, e o bruxo ainda nem começara o seu mingau de aveia quando ouviu outra batida na porta.

Havia um velho parado na soleira.

— É a minha velha jumenta, meu senhor - explicou ele. - Perdeu-se ou foi roubada, e sem ela não posso levar os meus produtos ao mercado e minha família passará fome hoje à noite.

— Com fome estou eu agora! - bardou o bruxo, e bateu a porta na cara do velho.

Plem, plem, plem fez o caldeirão no chão com aquele seu único pé de latão, mas agora o estrépito se misturava aos zurros de um jumento e aos gemidos humanos de fome que vinham de suas profundezas.

— Pare! Silêncio! - guinchou o bruxo, mas todos os seus poderes mágicos não conseguiram calar a panela verrugosa, que o seguiu saltitando o dia todo, zurrando e gemendo e clangorando, aonde quer que ele fosse ou o que quer que fizesse.

Naquela noite ouviu-se uma terceira batida na porta, e ali, na soleira, estava parada uma jovem mulher soluçando como se seu coração fosse partir de dor.

— O meu filhinho está gravemente doente - disse ela. - Por favor, pode nos ajudar? Seu pai me disse para vir se tivesse algum pro...

Mas o bruxo bateu a porta na cara da jovem.

E agora a panela atormentadora se encheu até a borda de água salgada e derramou lágrimas por todo o chão enquanto pulava, zurrava, gemia e fazia brotar ainda mais lágrimas.

Embora, pelo resto da semana, nenhum outro aldeão tivesse vindo à cabana do bruxo buscar ajuda, a panela o manteve informado dos seus muitos males. Em poucos dias ela não estava apenas zurrando, gemendo, transbordando, pulando e brotando verrugas, mas também engasgando e tendo ânsias de vômito, chorando como um bebê, ganindo feito um cão e cuspidando queijo estragado, leite azedo e uma praga de lesmas vorazes.

O bruxo não conseguia dormir nem comer com a panela ao seu lado, mas se recusava a sumir dali, e ele não podia silenciar nem forçar o caldeirão a parar.

Por fim, não aguentou mais.

— Tragam-me todos os seus problemas, todas as suas preocupações e todas as suas tristezas! - gritou, fugindo noite adentro, com a panela perseguindo-o aos saltos pela estrada que levava à aldeia. - Venham! Deixem que eu cure vocês, recupere vocês e console vocês! Tenho a panela do meu pai e vou remediar tudo!

E, com a detestável panela ainda a persegui-lo saltitante, ele correu pela rua principal lançando feitiços para todos os lados.

Dentro de uma casa, as verrugas da garotinha desapareceram enquanto ela dormia; a jumenta perdida foi trazida de um urzal distante e suavemente deixada em seu estábulo; o bebê doente foi umedecido com ditamno e acordou bom e rosado.

Em todas as casas em que havia doença e tristeza, o bruxo fez o melhor que pôde, e gradualmente a panela ao seu lado parou de gemer e ter ânsias de vômito, e sossegou, reluzente e limpa.

— E então Panela? - perguntou o bruxo trêmulo, quando o sol começou a despontar.

A panela arrotou o pé de pantufa que ele havia jogado em seu fundo, e permitiu que o bruxo o calçasse em seu pé de latão. Juntos, eles regressaram à casa, os passos da panela finalmente abafados. Mas, daquele dia em diante, o bruxo passou a ajudar os aldeões exatamente como fazia seu pai, antes dele, para que a panela não descalças se a pantufa e recomeçasse a saltitar

Anexo 4 - Síntese do conteúdo abordado na aula 3

ELEMENTOS	CONCEITOS	EXEMPLOS
Enredo	Acontecimentos organizados em uma sequência que constrói a história em torno de um conflito principal.	Um mago que usa de magia para tirar o coração do corpo e, assim, não se apaixonar por ninguém, encontra uma jovem muito bela que encanta a todos em sua volta. Ele se interessa pela jovem e, como prova de amor, tenta devolver o seu coração de volta em seu peito. No entanto, o coração criou vida e se recusa a obedecer à razão e faz com que o mago mate a donzela para pegar o seu coração para ele, mas, sem êxito, ele morre. (O coração peludo do mago)
Narrador	<ul style="list-style-type: none"> • Observador: é alguém desconhecido que não participa da história. Usa os verbos flexionados em 3ª pessoa. Desconhece os pensamentos dos personagens. Narra apenas o que presencia. • Onisciente: é alguém desconhecido que não participa da história. Usa verbos flexionados em 3ª pessoa. Conhece tudo sobre a história e os personagens, inclusive seus pensamentos. • Personagem: faz parte da história. Usa verbos flexionados em 1ª pessoa. Conhece apenas a sua trajetória e os seus pensamentos. Narra apenas o que sabe. 	<ul style="list-style-type: none"> • Observador: “Era uma vez um velho bruxo muito bondoso que usava a magia com generosidade e sabedoria para beneficiar seus vizinhos.” (O bruxo e o caldeirão saltitante) • Onisciente: “O lobo pensou com seus botões: “Esta coisinha nova e tenra vai dar um petisco e tanto”! Vai ser ainda mais suculenta que a velha. Se tu fores realmente matreiro, vais papar as duas.” (Chapéuzinho vermelho) • Personagem: “Não sei se no momento eu contemplava as águas da enchente ou se pensava em outras épocas, quando uma boca com dentes de ouro me interrompeu.” (Um caso estranho)
Personagens	Aqueles que participam da história executando e sofrendo as ações. Podem ser humanos ou outros seres humanizados, como: animais, plantas, objetos, entre outros.	<ul style="list-style-type: none"> • Vendedora de fósforos. • Avó da Vendedora de fósforos. (A pequena vendedora de fósforos)
Tempo	Dentro da narrativa, ele é exposto através dos tempos verbais (presente, futuro do presente, futuro do pretérito, pretérito perfeito, pretérito imperfeito e pretérito-mais-que-perfeito). Pode aparecer datas, mas é através dos verbos que sabemos se o evento está no passado, presente ou futuro.	<p>“Assim pensando, <u>abandonou</u> a todos, <u>partiu</u>, <u>chegou</u> a terras distantes e lá <u>conheceu</u> um príncipe.” (O guerreiro Juliano)</p> <p>“— Meu amantíssimo irmão, você não <u>irá</u> me <u>deixar</u>, tampouco <u>irá partir</u> sem mim, pois, como <u>particpei</u> das suas alegrias, <u>quero participar</u> também da sua dor.” (O guerreiro Juliano)</p>
Espaço	Ambiente descrito com detalhes para compor os cenários em que se passam os	“(…) ele não pôde impedir o caldeirão de segui-lo saltitante para fora da cozinha, e depois subir com ele para o

	eventos no decorrer da história.	quarto, alternando batidas surdas e estridentes a cada degrau da escada de madeira,” (O bruxo e o caldeirão saltitante)
Clímax	Momento de maior tensão dentro da história. Esta tensão é desenvolvida ao longo de vários acontecimentos relatados na história, culminando em um problema principal.	“(…) tudo isto penetrou como uma lança o seu coração recém-despertado. Mas o órgão se corrompera durante o longo exílio, cego e selvagem na escuridão a que fora condenado, seus apetites tinham se tornado vorazes e perversos.” (O coração peludo do mago)
Desfecho	Ocorre depois do clímax e pode ou não resolver o conflito do conto.	“Com essas palavras o anjo desapareceu, e Juliano e sua esposa, ricos em boas obras e em misericórdia, em muito pouco tempo, repousaram no Senhor.” (O guerreiro Juliano)

Anexo 5 - *O conto dos três irmãos*

O Conto dos Três Irmãos

Era uma vez três irmãos que viajavam por uma estrada deserta e tortuosa ao anoitecer. Depois de algum tempo, os irmãos chegaram a um rio fundo demais para vadear e perigoso demais para atravessar a nado. Os irmãos, porém, eram versados em magia, então simplesmente agitaram as mãos e fizeram aparecer uma ponte sobre as águas traiçoeiras. Já estavam na metade da travessia quando viram o caminho bloqueado por um vulto encapuzado. A Morte falou. Estava zangada por terem lhe roubado três vítimas, porque o normal era que os viajantes se afogassem no rio. Mas a Morte foi astuta. Fingiu cumprimentar os três irmãos por sua magia e disse que cada um ganhara um prêmio por ter sido inteligente o bastante para lhe escapar.

O irmão mais velho, homem combativo, pediu a varinha mais poderosa que existisse: uma varinha que sempre vencesse os duelos para seu dono, uma varinha digna de um bruxo que derrotara a Morte! Ela atravessou a ponte, dirigiu-se a um vetusto sabugueiro na margem do rio e fabricou uma varinha a partir de um galho da árvore, entregando-a ao irmão mais velho. O segundo irmão, que era um homem arrogante, resolveu humilhar ainda mais a Morte e pediu o poder de restituir a vida aos que ela levava. Então, a Morte apanhou uma pedra da margem do rio e entregou-a ao segundo irmão, dizendo-lhe que a pedra tinha o poder de ressuscitar os mortos. Perguntou-se ao terceiro e mais moço dos irmãos o que queria. Ele era o mais humilde e também o mais sábio dos irmãos e não confiou na Morte. Pediu, então, algo que o permitisse sair daquele lugar sem ser seguido por ela. E a Morte, de má vontade, lhe entregou a própria Capa da Invisibilidade. Então, a Morte se afastou para um lado e deixou os três irmãos continuarem a viagem, que comentaram, assombrados, a aventura que haviam vivido e admirando os presentes recém obtidos.

No devido tempo, os irmãos se separaram, cada um tomou um destino diferente.

O primogênito viajou uma semana ou mais e, ao chegar a uma aldeia distante, procurou um colega bruxo com quem tivera uma briga. Armado com a varinha de sabugueiro, a Varinha das Varinhas, não poderia deixar de vencer o duelo que se seguiu. Deixando o inimigo morto no chão, o irmão mais velho dirigiu-se a uma estalagem, onde se gabou, em altas vozes, da poderosa varinha que arrebatara da própria Morte, e que a arma o tornava invencível. Na mesma noite, outro bruxo aproximou-se sorrateiramente do irmão mais velho enquanto dormia em sua cama, embriagado pelo vinho. O ladrão levou a varinha e, para se garantir, cortou a garganta do irmão mais velho. Assim, a Morte levou o primeiro irmão.

Entrementes, o segundo irmão viajou para a própria casa, onde vivia sozinho. Ali, tomou a pedra que tinha o poder de ressuscitar os mortos e girou-a três vezes na mão. Para sua surpresa e alegria, a figura de uma moça que tivera a esperança de desposar antes de sua morte precoce surgiu instantaneamente diante dele. Contudo, ela estava triste e fria, como que separada dele por um véu. Embora tivesse retornado ao mundo dos mortais, seu lugar não era mais ali e ela sofria. Diante disso, o segundo irmão, enlouquecido pelo desesperado desejo, matou-se para poder verdadeiramente se unir a ela. Assim, a Morte levou o segundo irmão.

Ainda que a Morte tivesse procurado pelo terceiro irmão durante muitos anos, jamais conseguiu encontrá-lo. Somente quando atingiu uma idade avançada foi que o irmão mais moço despiu a Capa da Invisibilidade e deu-a de presente ao filho. Acolheu, então, a Morte como uma velha amiga e acompanhou-a de bom grado. Iguais, partiram desta vida.

O CONTO dos Três Irmãos (As Relíquias da Morte). S.i: Warner, 2013. P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=38Qie_cxQqM>. Acesso em: 27 set. 2019.

Anexo 6 - Slides da aula 5

Edgar Allan Poe

Edgar Allan Poe (1809 - 1849)

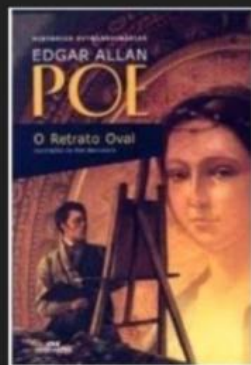
Foi um autor, poeta, editor e crítico literário estadunidense, integrante do movimento romântico em seu país.

Poe foi um dos primeiros escritores norte-americanos de contos e é geralmente considerado o inventor do gênero ficção policial, também recebendo crédito por sua contribuição significativa ao gênero de ficção científica.



O Corvo, de Edgar Allan Poe (1845)

Em certo dia, à hora, à hora
Da meia-noite que apavora,
Eu, caindo de sono e exausto de fadiga,
Ao pé de muita lauda antiga,
De uma velha doutrina, agora morta,
la pensando, quando ouvi à porta
Do meu quarto um soar devagarinho,
E disse estas palavras tais:
"É alguém que me bate à porta de mansinho;
Há de ser isso e nada mais."



Anexo 7 - Atividade da aula 5

ATIVIDADE

A partir da leitura do conto O retrato oval, de Edgar Allan Poe, preencha a linha do tempo com os acontecimentos relevantes do conto.

Início

Belzebu

Banquete para Anatole

APONTAMENTOS GERAIS SOBRE AS PRODUÇÕES TEXTUAIS

- Estrutura;
- Pontuações;
- Mais *versus* Mas;
- Repetição de termos;
- Introdução de novos elementos.

Último trecho lido

"Para acalmá-los, Felika decide contar-lhes uma história, a jornada de um guerreiro que luta contra monstros para defender a família. Tenta imaginar detalhes pitorescos que preencham a aventura, mas uma dor de cabeça mórbida a impede de realizar longos mergulhos criativos.

Entre fadas e dragões, Felika ouve nova batida à porta. Não pode acreditar que a impertinente Sra. Helga voltou. Caminha devagar, hesita. Ao puxar as cortinas, mal se contém: (...)"

INTRODUÇÃO DE NOVOS ELEMENTOS

No original:

"A Sra. Helga quebra a janela com a cabeça do cachorro, e a Felika, com medo, mira para a janela. Então, a velha tacou o lampião e a cortina pega fogo."

Sugestão de mudança:

"A Sra. Helga quebra a janela com o crânio do cachorro, enquanto Felika, com medo, mira para a janela. Então, a velha pega o lampião, que estava próximo da porta, esperando a chegada de Anatole, e atira para dentro de casa, incendiando a cortina."

Anexo 9 - Ficha literária do conto *Belzebu: banquete para Anatole*

ELEMENTOS	RESUMO
Enredo	<p>O vilarejo onde moram Felika e sua família está passando por uma situação de miséria, por isso ela fica presa em casa com os três filhos enquanto o marido sai em busca de comida. Um dia, enquanto espera Anatole voltar da caçada, ouve batidas à porta. É a Sra. Helga, uma idosa cega, a qual vem pedir que Felika ajude a encontrar quem assassinou o seu cachorro, já que os outros moradores do vilarejo não respondem mais. Felika não abre a porta e manda a Sra. Helga embora. Em seguida, Anatole volta e descobre que Felika matou todos os moradores do vilarejo, inclusive seus filhos.</p>
Personagens	<ul style="list-style-type: none">• Felika: mãe de três filhos e casada com Anatole; não mede esforços para proteger sua família. • Sra. Helga: idosa cega, seu marido morreu na guerra e, recentemente, perdeu o seu cão-guia Astor. • Anatole: marido de Felika. Saiu em busca de alimento e não voltou. • Filhos de Felika e Anatole: crianças obedientes. Por conta da situação no vilarejo, estão presos na casa com a mãe enquanto esperam o pai voltar trazendo comida. • Vizinhos: outros moradores do vilarejo que estão desaparecidos.
Espaço	A casa de Felika que fica em um vilarejo.
Clímax	Quando Anatole entra em casa e sente uma tontura.
Desfecho	Felika matou os moradores do vilarejo para se alimentar.

Anexo 10 - Ficha literária dos elementos estruturais do gênero conto

ELEMENTOS	RESUMO
Enredo	
Personagens	
Espaço	
Clímax	
Desfecho	

Contos

e suas exigências

Estrutura dos contos

→ Título:

"Meu amigo Bernardo"

"A lenda de Grendel"

"O quarto 395"

"O crime da Mansão Beacon"

Estrutura dos contos

→ Limite da Página.

→ Continuidade do conto sem pular linhas.

→ Parágrafos.

Estrutura dos contos

→ Falas com travessão:

"Então, Amanda abre a porta e pergunta: amiga, o que você está fazendo aqui? Isabela responde: eu queria falar com você sobre algo que estou percebendo há muito tempo."

"Então, Amanda abre a porta e pergunta:

— Amiga, o que você está fazendo aqui?

Isabela responde:

— Eu queria falar com você sobre algo que estou percebendo há muito tempo."

Anexo 12 - Conto produzido pelas estagiárias

As Aventuras das Bruxas Iniciantes

Em uma cidade muito distante, existiam duas bruxas, Camila e Juliana, que sonhavam em se tornar Bruxas Supremas, para isso, elas estudavam na Universidade de Feitiçaria da Ilha da Magia. As últimas etapas necessárias para a conclusão de seu curso consistia em ensinar seres fantásticos iniciantes nos estudos de Produção de Feitiços. Estes seres fantásticos estudavam no Instituto de Fantasias Extraordinárias, um enorme colégio que recebia seres de diferentes mundos para ensiná-los conhecimentos científicos e cotidianos da vida no reino mágico.

As duas bruxas já estavam há algum tempo imaginando como seriam seus aprendizes. Ora os imaginavam como doces criaturas celestiais, ora eram monstros horrorosos que devoravam as pobres bruxinhas no seu primeiro dia como mestres. Imaginem só o susto das bruxinhas ao descobrirem que os próprios aprendizes se intitulavam bagunceiros e diziam passar muito tempo brincando com suas varinhas. Alguns até se dispersavam e faziam com que o caldeirão pegasse fogo, porque não prestavam muita atenção nas aulas dos Magos e Bruxas Supremos. Mas havia também os seres que se atentavam às aulas e conseguiam conjurar vários feitiços, como *Expelliarmos*, *Lumos*, *Silêncio*, e outros.

Chegou o esperado dia de conhecer seus discípulos, Camila e Juliana estavam tão ansiosas que mal conseguiam segurar seus grimórios. Os outros magos e feiticeiros do colégio faziam comentários que as deixavam mais resabiadas quanto ao comportamento dos aprendizes. Elas se perguntavam: “será que eles serão receptivos conosco? Como reagirão às nossas propostas para o ensino de Feitiços? Conseguiremos encantá-los com nossos ensinamentos?.” Por mais que tentassem se preparar, os aprendizes que encontraram deixaram as Bruxas espantadas: eram heróis e heroínas de suas próprias histórias. Com eles, as bruxas, que acreditavam já saber de tudo, aprendiam novas lições e se surpreendiam a cada aula.

Entretanto, as duas Bruxas não estavam sozinhas nessa jornada, elas contavam com os ensinamentos de duas Bruxas Supremas que presenciaram todas as aulas. As participações da Suprema Juliana tornou as produções dos feitiços em aula ainda mais mirabolantes. Enquanto a outra Suprema, Maria Izabel, auxiliava as duas Bruxas Iniciantes, com sua experiência na feitiçaria, a pensarem métodos mágicos e inovadores para o ensino. Além disso, as bruxas contaram com a fantástica presença da Conselheira de Magia Graci Rocha, que mostrou para os discípulos novos caminhos para a produção de feitiços.

O estágio das bruxas, que no início parecia ser uma experiência amaldiçoada, passou num estalar de dedos. Através de muitas leituras de grimórios, os aprendizes começaram a criar novos feitiços, com muita criatividade e comprometimento.

Só que esse tempo é curto, e então chegou a hora das bruxas partirem, mas elas vão com a certeza de que parte delas continuará em cada serzinho que se dedicou e contribuiu em cada uma das aulas, bem como esses serzinhos deixaram bastante de si nas duas bruxas.

Com muita dor no coração, as duas bruxinhas precisam deixar a turma, pois existem outros seres fantásticos que estão esperando por elas em diversos mundos. Elas sabem que os serzinhos que ficam, se tornarão grandes bruxos e ambas jamais esquecerão seus primeiros aprendizes.